



Biografia, ensaio biográfico, formas anômalas: Notas sobre um percurso de investigação

Biography, Biographical Essay, Anomalous Forms: Notes on a Research Path

Antonio Marcos Pereira¹

Universidade Federal da Bahia

antoniomarcospereira@gmail.com

Resumo: No texto a seguir – que se originou em uma apresentação realizada em 2022 na Universidade Nacional de Rosário – apresento um conjunto de indagações que gravitam inicialmente ao redor da questão da forma tradicional da biografia e seus pressupostos, partindo daí para uma tentativa de caracterizar o ensaio biográfico, valorizando as negociações e potenciais fertilizações recíprocas entre o ensaístico e o biográfico. Introduzo também questões relativas à poética da biografia, explorando um percurso de investigação que, nos últimos dez anos, atravessa a tentativa de definir o biográfico, de explorar as hibridações com o ensaio, e de explorar as formas anômalas da biografia. Concluo apresentando o que me parecem horizontes atuais de pesquisa, marcados pela questão da forma, bem como por questões relacionadas às conceitualizações que contribuem para a estruturação da narrativas biográficas, suas poéticas e processos.

Palavras-chave: Biografia – Ensaio – Poética – Forma – Processo

Abstract: In the following text – which originated in a talk at the National University of Rosario in 2022 – I present a set of inquiries that initially gravitate around the question of the traditional form of biography and its assumptions, moving from there to an attempt to characterize the biographical essay, valuing the negotiations and potential reciprocal fertilizations between the essayistic and the biographical. I also introduce issues concerning the poetics of biography, exploring a research path that, over the last ten years, traverses the attempt to define the biographical, to explore hybridizations with the essay, and to explore the anomalous forms of biography. I conclude by presenting what seem to me to be current research horizons, marked by the question of form, as well as by issues related to conceptualizations that contribute to the structuring of biographical narratives, their poetics, and processes.

Keywords: Biography – Essay – Poetics – Form – Processo

¹ Antonio Marcos Pereira é professor do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Brasil.

I

Em uma reportagem recente, produzida na esteira do lançamento de seu livro a respeito de como fazer biografias, *A vida por escrito: ciência e arte da biografia*, o biógrafo brasileiro Ruy Castro foi solicitado a se pronunciar a respeito do “ensaio biográfico”. Castro — que, além de jornalista, talvez seja o mais bem-sucedido biógrafo brasileiro, autor de inúmeras biografias de muito sucesso e recentemente empossado como membro da Academia Brasileira de Letras — respondeu nos seguintes termos: “Lembra-me uma besta mitológica inventada num conto de Woody Allen, um animal metade leão e a outra metade também, mas não do mesmo leão” (Nogueira “A arte da biografia e a construção de míticas personagens” on line).

Talvez fosse o caso de fazer um certo esforço hermenêutico para desembrulhar o pacote de sentido na imagem oferecida por Castro como resposta, mas vou me ater ao que constitui minha resposta interpretativa imediata. A resposta me parece ter sido, simultaneamente, algo que intentava dar uma impressão de esquiva — ele não deseja se comprometer analiticamente, nem cita casos, evitando assim enfrentar-se efetivamente com a pergunta — e de negativa — ele deseja deixar patente sua desaprovação, ou sua crença no caráter vão, ou tolo, ou dispensável, da criatura híbrida à qual se aludiu na pergunta. Considero ser necessário apontar para as vicissitudes de uma reportagem de divulgação de um livro de um autor célebre, e junto com isso apontar para o imperativo da frase de efeito suplantando qualquer vislumbre de reflexão, bem como a valoração da opinião supostamente forte como estando acima de qualquer gesto mais nuançado de descrição de um posicionamento. Mesmo assim, retorno à declaração e penso em seu modo de desaprovação e esvaziamento de mérito: acredito que Castro quis dizer que o ensaio biográfico é espúrio, e ineficaz até como uma “besta mitológica”.

A reportagem em torno de Castro, e seu pronunciamento, me fizeram recordar um incidente de há não muito tempo. Em 2021, fiz uma oficina de

um encontro de cerca de duas horas por semana durante um mês, por Zoom, com Josélia Aguiar. Conhecida jornalista e biógrafa brasileira — autora de uma premiada biografia de Jorge Amado e atualmente trabalhando em uma biografia de uma destacada artista brasileira, Djanira, uma figura oscilante entre as tradições da arte *naïf* e o legado pictórico do modernismo —, Aguiar opera em termos de seu exercício como biógrafa como uma seguidora do jeito de fazer biografia característico de Castro, que foi inclusive muito referido ao longo das aulas. O curso era publicizado como

BIOGRAFIA: A ARTE DE CONTAR A VIDA DOS OUTROS

com Joselia Aguiar

Uma biografia é muito mais do que a história de uma vida. Assim como o romance, a crônica, a reportagem, é um gênero textual com longa tradição e diversas vertentes. Necessariamente, é um recorte do biografado, exigindo inúmeras escolhas de quem escreve. Contar a trajetória de uma pessoa ilustre ou as peripécias de um anônimo? As grandes decisões de um líder político ou o que ele comia no café da manhã? E como conjugar os dois, detalhes e enfoques amplos? Como, além de tudo, oferecer uma leitura fluente? Do primeiro esboço à revisão final, o curso aborda como nascem os projetos biográficos, os desafios da pesquisa e da construção do texto, até as etapas de checagem e edição. Apresenta e discute os tipos de biografias e biografados, a mescla de gêneros e os modos de narrar, tendo como referência modelos existentes no Brasil e em outros países.

Tomei muitas notas, e teria bastante o que comentar a respeito de outros aspectos das aulas, sua condução e tratamento descritivo e analítico dos casos. Haveria interesse, creio, em considerar uma certa animação do campo literário brasileiro em torno da biografia e gêneros afins, ditos “não-ficcionais”. Ainda que de maneira assistemática, sem a espora das estatísticas a respeito da produção, do meu lugar de professor, pesquisador, e consumidor parece ter havido em anos recentes uma multiplicação de lançamentos e traduções, a criação de pelo menos uma editora de porte dedicada de maneira muito decisiva a esse conjunto de gêneros, e a instituição, por parte de outra editora destacada, de um prêmio de incentivo à produção de biografias. Esse conjunto de aulas online oferecidas por Aguiar

em seu lugar de biógrafa é, penso, parte dessa transformação – talvez do campo brasileiro, talvez mais generalizável (vide o Nobel para Ernaux; vide um curso, semelhante, e igualmente recente, promovido por Alan Pauls em uma livraria e casa de cultura em Berlim).

A oportunidade não convida a essa discussão mais ampla no momento, e vou me ater a um aspecto do curso que me chamou a atenção e que me serve agora. Ao longo das aulas, seguidamente Aguiar realizava manobras de qualificação do biográfico, reservando para objetos que fossem mais semelhantes à biografia de Jorge Amado que ela mesma havia produzido a denominação de *biografia*, e lançando para outros, divergentes com relação à estrutura e forma características do trabalho que realizou e realiza, adjetivações e hifenados. Assim, um determinado texto era “quase uma biografia romanceada”, outro era “mais como um perfil biográfico”, outro era, por fim, um “mais como um ensaio, um ensaio biográfico”.

O esforço de delimitação não é de se estranhar, em especial se buscarmos situar o lugar simultâneo de docente e de agente do campo literário de Aguiar neste curso. Mais que o de uma pesquisadora (embora o seja, tenha doutorado em história, e isso apresente um refluxo em seu discurso, tanto do ponto de vista de uma autoridade acrescida pelo título acadêmico, quanto em termos de uma adoção rigorosa de uma ideia de metodologia no tratamento do arquivo), seu posicionamento e cacife como docente nessa situação em pauta emergem principalmente de uma prática (escreveu uma biografia) e seu reconhecimento (foi premiada, teve seus direitos de tradução vendidos ao exterior etc) validando uma poética (seu modo de fazer uma biografia deve ser bom, uma vez que a biografia que produziu foi distinguida) que encontra condições de continuidade (ter escrito essa biografia de Amado certamente propiciou o engajamento na produção da que atualmente redige). Nesse sentido, o que me parece digno de observação, e com ressonâncias com a declaração de Castro, é como a prática se aproxima da proteção de um modo de fazer, disso derivando que a

concepção do gênero que emane das aulas busque conservar e manter uma compreensão dada a respeito do que, de fato, é uma biografia. Merecedor de direito de cidadania plena no mundo da biografia é o texto que constrói uma narrativa a respeito de uma vida, ordenada cronologicamente e fundada em documentação, portanto fruto da frequência de um arquivo. O que complique esse esquema, ou o altere em alguma medida, passa para a margem do gênero, sua zona exterior, ou mesmo seu espaço de alteridade: pode parecer biografia, mas não é, propriamente, biografia (podendo inclusive virar uma “besta mitológica”, ou uma pseudo-besta).

Tudo isso que se considera estável no gênero combina com o que podemos denominar de forma canônica da biografia, e acredito que é isso mesmo: não causa estranheza definir biografia assim, nem pensar a prática do biógrafo dessa maneira. É o que está estabilizado. Tais considerações são típicas de quem opera a partir de uma perspectiva que destaca o problema como sendo ligado ao gênero. Por mais que se discuta e diga que o gênero é produto social, histórico etc, as operações de comentário tendem a fixá-lo, circunscrevendo, para dar conta de administrar, suas características e suas possibilidades. Sendo assim, não é de surpreender, da parte de Aguiar, uma atuação didática e explicativa que naturalize o gênero: se buscarmos um paralelo, encontramos analogia nas formas muito enrijecidas de produção ficcional, como o romance policial, digamos, ou a literatura de auto-ajuda.

Essas considerações, a respeito da maneira como Castro e Aguiar lidam como o gênero “biografia” e suas relações com o ensaio parecem ter um contato interessante, não exatamente de oposição, mas talvez perpendicular a algo que me ocorreu em 2022, logo quando cheguei a Rosario para iniciar um trabalho de pós-doutorado em torno de temas afins à biografia. Ocorreu numa conversa casual com um doutorando da UNR, Leandro Bonhoff; falávamos a respeito de seu objeto de investigação, a constelação de produções biográficas que se ergue ao redor e a partir da figura de Borges. Comentamos algo a respeito das infelicidades da biografia de Williamson, que

também foi lançada no Brasil, e partindo disso falei que costumava sugerir para meus orientandos que a melhor biografia de Borges era *El factor Borges*, de Alan Pauls e Nicolás Helft, e que era um texto que curiosamente não se reconhecia como biografia, com seu autor reclamando sua classificação como um ensaio. A isso Bonhoff respondeu imediata e afirmativamente, dizendo algo como “Sim, justamente, é interessante que essas produções procurem sair do aprisionamento da biografia, da clausura do gênero”.

Claro: não foram exatamente essas as palavras, cito de memória, e não estava na mesma posição em que estive nas aulas de Aguiar, nas quais funcionava em “modo aluno”, ou no caso de Castro, em que cito um texto de reportagem. Mas a afirmação me pareceu notável, e permaneceu comigo, por ser uma maneira de, vinda de outra região do trabalho com o biográfico, ter um resultado que me parecia semelhante ao que se dá a partir dos esforços de Aguiar na circunscrição do que seria próprio da biografia, mas percebendo lucros de outra ordem, como se estivesse fazendo uma transação ainda financeira, mas em outra moeda. O que escutei foi, em outras palavras, o mesmo proferimento, mas vindo de regiões distintas do espectro de posturas diante da biografia e seus problemas. É como se, tendo a “nebulosa biográfica” como ponto central da corda, Aguiar a puxasse para uma direção e Bonhoff para outra.

Em sua condição de investigador acadêmico, e ademais alguém vinculado justamente a um grupo de pesquisadoras da UNR cujo trabalho me é próximo e caro a ponto de ter escolhido esta instituição para um trabalho de pós-doutorado, Bonhoff está certamente mais próximo de mim que os biógrafos profissionais brasileiros aos quais aludi. Está posicionado como alguém que, dirigido a interrogar essa produção – em particular, a região ao redor de Borges, mas o tema maior, mais amplo, da biografia como “arte vulnerável” igualmente ocupa sua atenção – busca conversar com o ensaio, compreendendo que as problemáticas que dizem respeito ao ensaio podem vir a ser de interesse para o entendimento de certas possibilidades e

manifestações da biografia. Isso me parece central na fórmula que me permitiria distinguir posicionamentos aqui nessa pequena e ligeira diagramação: de um lado, a esquiva, e a evitação do ensaio; de outro, a busca do ensaio, em direção ao ensaio.

Dito de outra maneira, me encontro aqui diante de uma compreensão que deposita a biografia em um lugar de gênero que, enquanto tal, opera, prioritariamente, digamos, diria agora, como *forma conservadora* – o que é algo que estava, creio, na maneira como se constrói habitualmente a percepção do gênero. Tirando da cena, na medida do possível, os atributos negativos que podemos associar ao termo “conservadora”, uma opção parece ser essa: conservar uma concepção que já está bem estabilizada para o biográfico. Na medida em que tal posição implique em rechaçar a pertinência de abordagens alternativas, o que é impulso de conservação, e eventualmente atitude museológica, dá lugar a uma *forma reacionária* ou, se não tanto, reativa. Minha tendência, aligeirando talvez excessivamente um debate de considerável espessura, extensão e volume, é compreender isso como parte dos jogos entre historiografia e biografia, e entre os pleitos ao saber oriundos da história como disciplina. Em um dado momento, a história busca elevar seu estatuto epistemológico lançando a biografia para suas regiões exteriores. Posteriormente, pleiteando retorno ao domínio da produção de saber legítimo e querendo garantir para si um espaço e condições para disputar nos certames do veraz discursivo, a biografia se aferra ao imperativo de método, e se afilia aos métodos mais convencionais da história, onde encontra parte do seu sustento como uma empreitada viável do ponto de vista da produção de saberes válidos. É por seu manejo particular do universo da referência, dos referentes, por seus esteios documentais e controles interpretativos que a biografia é sempre uma candidata a virar obra *de referência*. Em sintonia, Aguiar comentou como a geração de biógrafos brasileiros que se estabelece nos anos 90 – como Fernando Morais e o próprio Ruy Castro – buscou inspiração na tradição anglófona da biografia, e nas práticas de levantamento

criteroso da informação e sua gestão, bem como no imperativo de controle da especulação pelo arquivo. Seus métodos consolidam hábitos de apuração dos jornalistas aos métodos de investigação do historiador: exaustiva frequência dos arquivos, referenciação de toda afirmação, checagem, esses são os elementos que vem à frente do palco ao comentar o modo de fazer uma biografia. E, nesse ambiente, ganha força a redução da própria ideia de que o especulativo, o inventivo, o afetivo teriam lugar como parte dos problemas característicos do afazer biográfico. Ainda, a questão da presença do biógrafo sai de cena, sob pena do, digamos, indesejável incremento de subjetividade em uma operação que supõe conferir lugar devido a um texto objetivo. Que, por fim, resultaria da pesquisa realizada corretamente, sendo seu produto final almejado e necessário. E, cabe dizer: útil. As biografias, concebidas e produzidas de maneira tradicional e ordeira me servem, as frequento e consulto. Mas isso não é o mesmo que dizer que sua poética constitui tudo que importa no gênero, ou que tudo que trai essa poética (ou que demonstra sua característica enquanto, também, um artifício de contração e disciplinamento) merece ser excluído ou marginalizado (pois creio que é isso que se escuta no pronunciamento de Castro).

Afirmar a pertinência e o interesse do ensaio biográfico seria buscar uma posição alternativa, não necessariamente oposta a essa, mas certamente, em termos dos procedimentos que avaliza e busca sustentar como poética válida, em alguma medida avessa a esse conforto manifesto da biografia tradicional com seus próprios termos. A convocação à mescla do ensaístico ao biográfico, nessa perspectiva, aponta numa direção de *terra* (mais ou menos) *incognita*: o que estaria fora da pressão exercida pelas expectativas e manejos habituais do gênero “biografia”, com seus clichês e estruturas conhecidas e repetidas, inclusive em sua eterna relação com uma fórmula já bastante gasta, (convencionalíssima!), do novelesco. O saber convocado pela empreitada do biógrafo se manifestaria em estado de problema no ensaio biográfico. Começando pelo básico “O que é que posso saber disso?” e

seguindo em direção a algo da ordem do “Como me altera isso que estou vindo a saber, ao passo que estou formulando esse saber a respeito do outro e seus saberes?”. Enquanto que na biografia esse saber seria da ordem do dado (“Organizar uma cronologia, conhecer um arquivo, estabelecer conexões causais explícitas e verossímeis: é isso o que se busca em uma boa biografia”, anotei no mesmo curso), no ensaio biográfico emergem problemas, inclusive pela própria derivação particularista que, nessa via, se viabiliza (o que não quer dizer que saiam de cena os outros, característicos dos afazeres dos biógrafos). As consequências imprevistas da transação com o arquivo, para ficar em um aspecto que apresenta uma zona de convergência expressiva com o espaço do método que é tão caro à perspectiva tradicional, aqui teriam oportunidade de se expandir e ganhar corpo e força — lá, se tanto, apareceriam como eventual nota de rodapé (são arquivos quietos, de fertilidade principalmente informativa, cuja pouca instabilidade é, imagino, construída antes pela maneira como são utilizados que por sua natureza). Ainda, a trama afetiva dos pactos e negociações entre biógrafo e biografado, que geralmente aparece, instanciada também como parte do clichê do gênero, no paratexto, como a história do encontro e descoberta do biografado pelo biógrafo, aqui recebe certa garantia de pertinência e, por essa via, pode ser tratada não apenas como algo que é parte da ordem da justificativa ligeira da curiosidade (penso no que Ricardo Strafacce anota como sua pergunta fundamental, e motivadora de sua biografia de Osvaldo Lamborghini, que haveria emergido em sua consciência logo que leu *El Fjord*: “Como sería la persona que escribía así?”), mas como um campo, o das metamorfoses emocionais características de todo relacionamento. Resguardo minimamente para um modo ensaístico — por oposição ao que se pretenda ser “não ensaístico” — uma consideração da escrita como uma dimensão transformadora do saber, e não apenas uma instância comunicativa de um saber conquistado. Um ensaio biográfico seria uma biografia que admitisse a pergunta sobre o saber do biógrafo como parte do

que o texto da biografia intenta responder. Isso não tem uma forma dada: sua forma é parte dos problemas com os quais o biógrafo tem de se haver.

II

Essas considerações funcionam para mim como evidências de que o lugar no qual encontro uma possibilidade de reflexão sobre o biográfico e sobre sua possibilidade que me anima é um que a permita enquanto manifestação de uma atitude ensaística, na medida em que não se aparte da experiência que lhe deu origem, e que chancele a presença de alguma interrogação que não seja a da ordem dos fatos, dos enigmas aferíveis pela massa documental e testemunhal arrecadada pelo biógrafo, e que frequente em alguma medida a dimensão secreta e misteriosa de toda alteridade. O que pode ser isso, que tipo de texto resulta desse conjunto de inclinações? Dividiria facilmente as biografias que li entre as que se planteiam essa pergunta, e a reconhecem como legítimo mobilizador da escrita, e as que operam por se apartar da mesma pergunta (embora, via de regra, jamais reconhecessem isso). Ambas me interessam, por razões distintas. Mas creio que é uma, a zona minoritária, digamos, a que pode auferir algum benefício de um engajamento crítico ativo, divulgador e menos pautado pelo desejo de exclusão ou subalternização.

Não é de se estranhar. Chego às interlocuções que nos congregam aqui com uma história de leitura e desejo de escrita que já comentei em outra parte, enfatizando seu patetismo, como minha história de “Quero ser um crítico rosarino”. História de uma impossibilidade de fato e de uma impertinência do desejo, seja como for ela me formou, me fez, e me propiciou, por exemplo, essa situação de interlocução agora. Mas ela tem força nesse momento em particular por apontar que, no momento em que começo a escrever sobre biografia — minha primeira publicação sobre o tema é de 2012 — o desejo de biografia, embora não se articule de maneira explícita ao panorama do ensaio, já o apresenta como possibilidade:

A partir de 2007 iniciei um trabalho que busca, como costume defini-lo cotidianamente, “fazer uma biografia de Juan José Saer”. Tal projeto é, por um lado, tributário de um trabalho de interpretação que surge colateralmente, interessado em decifrar uma espécie de jogo com os referentes biográficos realizado por Saer em sua ficção simultaneamente a um trabalho recorrente de crítica ao projeto da biografia literária *tout court* que ele distribui em seus ensaios e investidas como comentador de literatura. Mas também responde a uma curiosidade e a uma motivação antiga, que me aproximou de trabalhos como o relato das visitas de Janet Malcolm aos lugares onde Chekhov viveu, aos perfis literários mais extensos que José Castello publicou e, mais recentemente, a trabalhos como o misto de peregrinação literária, auto-etnografia e exercício de interpretação de uma tradição de textos e leituras que é *Os Possessos*, de Elif Batuman. A mescla desses interesses – um mais evidentemente acadêmico e exegetico; outro, ligado a um desejo, originalmente algo simplório e meio brega, de visitar os lugares onde Saer viveu e sobre os quais escreveu e utilizar isso como matéria-prima para um ensaio – é o que desemboca nas declarações “Estou trabalhando numa biografia de Saer”, “Estou fazendo um estudo biográfico de Saer” e afins. (Pereira “Biografia literária: duas tradições” 38)

Embora essa citação hoje me pareça algo entre o ingênuo e o duro, faz pensar, principalmente pelos exemplos elencados e pela conexão com um projeto particular de gesto biográfico – a visita desejada a Santa Fé, por exemplo, tomada como matéria-prima de um texto – em uma certa inclinação favorável para o que vou explorar depois, aquilo em que vou me concentrar mais adiante, que são as biografias do processo. Isso estava mobilizado de maneira significativa já neste texto que publiquei em 2012, e hoje percebo o quanto devo a um ensaio de Hibbard, “Biographer and Subject: A Tale of Two Narratives”. Recordo que tinha lido o livro de Jonathan Coe, *Like a fiery elephant: the story of B. S. Johnson* e, empolgado, buscando textos

críticos a respeito, me deparei com o ensaio de Hibbard, cujo trabalho eu já conhecia por conta de sua biografia de Paul Bowles, *Paul Bowles, magic, and Morocco*, um trabalho biográfico que trata de maneira que me pareceu bastante original dos temas elencados no título como um fluxo mesclado. Não é difícil considerar que o Bowles que conhecemos como autor destacado é indissociável de sua relação com o Marrocos; é uma novidade dar o mesmo estatuto que o país do norte da África a algo tão vago quanto a “magia” – e é exatamente isso o que Hibbard faz, ao passo em que reconstrói a história de seu próprio encontro, como leitor e como sujeito, com Bowles. Assim, escrevendo como um biógrafo que não tem qualquer problema com o espaço da teorização e da indagação crítica de seu ofício, Hibbard se dirige à biografia de B. S. Johnson escrita por Coe e não apenas o tematiza e valoriza como explora muito mais ao redor dos problemas de vinculação entre biógrafo e biografado, recenseando uma multiplicidade de casos afins.

Utilizei esse ensaio de Hibbard como uma espécie de mapa, e fui buscando e lendo cada uma das referências que ele comentava. Sua leitura, embora posterior à escrita deste ensaio de 2012, confluía em muitos aspectos com o que era minha motivação, meu ímpeto, digamos. Traduzi os problemas na sugestão de uma taxonomia simples e buscando esteio em um paralelo com a teoria da tradução de Lawrence Venuti, no que tange ao problema da invisibilidade do tradutor, que tomei como em alguma medida análogo ao problema da invisibilização do biógrafo, ao passo que ele investiu na construção de um inventário de estratégias de exposição do relacionamento entre biógrafo e biografado. Vários desses projetos de escrita de biografias participam do que denominei de uma “poética do processo”.

Retomando a conexão com meu projeto de escrever uma biografia, observem que, tomado em primeira mão, esse desejo de visita aos lugares saerianos, esse projeto de passeio e visita não tem, necessariamente, uma implicação ensaística. Está, acredito, em alguns livros do Richard Holmes, no livro de Geoff Dyer sobre D. H. Lawrence e também no trabalho de Janet

Malcolm sobre Chekov. Mas é preciso matizar. Vejamos um caso: em sua biografia recente de Juan L. Ortiz, Mario Nosotti passeia pelo mundo de Juanele, sem aparente ambição exaustiva — seu livro tem como subtítulo “Notas sobre la vida y la obra de Juan L Ortiz”, e o ancoramento modesto regula nossas expectativas. Nosotti faz gestos em direção a uma matriz problematizadora e processual da biografia, mas seu endereçamento é monumentalizante e, me pareceu, antes nutritivo para o mito do poeta tal como está assentado na recepção que problematizador do que quer que seja. O livro inclui uma iconografia rara, apresenta documentação frequentada para dirimir dúvidas de natureza jurídico-cartorial, traz uma cronologia meticulosa. Mas, com tudo isso, um título alternativo que me parece razoável para o livro seria “Juanele sem mistérios” pois, embora proponha negociar na ordem da investigação, o que se sabe ao final já se sabia ao início (como, sugiro, talvez seja o caso do próprio Lamborghini construído em um texto muito mais alentado por Strafacce). O que quero enfatizar é que não basta fazer o passeio, percorrer as ruas percorridas pelo biografado, e contar isso na biografia: é um modo de aportar ao problema da biografia que faz a diferença. Nesse modo, com ou sem passeio pelos lugares do biografado, aparecerá sempre algo da ordem do processual em sua contingência, pois a investigação será animada por um laço que é idiossincrático (unidos em admiração a um autor não creio que estamos unidos pela mesma coisa do ponto de vista da experiência, senão por um sinal em uma direção comum, para um lugar onde aquilo que nos congrega pôde ocorrer).

Buscando aqui uma situação que tem algum paralelismo com as viagens de Nosotti, recupero um momento que pode passar como espúrio, mas que me parece muito rico no que permite vislumbrar da biografia como problema. Me refiro à visita ao hotel onde viveu Mastronardi realizada por Petrecca em seu *Mastronardi*. Nesse caso, o passeio aparece como contraponto: nada se confirma ou atesta, um desejo visita um fantasma, e todavia há algo nessa movimentação entre espectros — a mendiga volátil de

Mastronardi, a escada onde, por seu desejo, habitaria seu fantasma, e seu próprio *Tratado de la pena*, existente enquanto espírito, digamos, propiciador e causador de ocorrências no mundo material sem ser, ele mesmo, membro desse mundo material (o que mais borgeano que esse livro perdido/inexistente de Mastronardi?). A dinâmica dessas imagens em constelação me atordoa, e isso me parece ser fruto típico de uma biografia pouco resguardada e pouco afim às boas maneiras do gênero: o Mastronardi certamente *inventado* por Petrecca a partir de Calveyra me parece (assim como, creio, pareceu a Nora Avaro em seu comentário sobre o livro de Petrecca) mais *vivo* que o Juanele confirmado por Nosotti. E talvez aí me aproxime de um ponto importante, seguramente crucial, mas com relação ao qual estou a ver navios, com pouca, digamos, rede de proteção da queda do ponto de vista da reflexão: o livro de Petrecca, que parece, à primeira vista e ao juízo ligeiro, transitar somente em uma região fugaz, efetivamente alcança uma transcendência que honra tanto seu objeto quanto o desejo de biografar, e assim me parece próximo da vida. Ao passo que o de Nosotti, que investe em uma declaração dos imponderáveis e do mistério fundamental do biográfico como princípios de uma poética, mais diz que mostra em seu feitiço essas dimensões, e apesar de (ou talvez, em certa medida, por isso mesmo) sua reverência aos referentes (incluindo aí o pequeno arquivo ofertado ao leitor nas fotos de documentos e de espaços de incidentes comentados), mal corteja o vivido.

Não consigo evitar essa intuição de que aí está um *continuum* que interessaria percorrer com mais vagar e detalhamento. De um lado, a biografia-autópsia (metáfora feliz que me foi apresentada por Hermione Lee), os administradores dos depósitos de papel (como o formidável Leon Edel, que teve seu dia de herói do mal pelas mãos de Michael Anesko, em um ensaio ao qual recorro frequentemente como marcador de diferença no modo de conceber e tratar o arquivo em estudos da biografia, *Monopolizing The Master* – afinal, um comentário sobre coisas simples, de conhecimento comum, o

sentimento de proprietário que emerge para quem estuda uma obra, um autor, o zelo de guarda e manutenção do arquivo, pelo bem da posteridade, mas igualmente pelo bem de uma reputação e um lugar de poder) com seus regulamentos e imperativos metodológicos. De outro lado, os que tenho dificuldade de especificar, inclusive por sua abertura ao imprevisto, ao intempestivo, e que talvez tivessem como único elemento comum esse ímpeto de se imiscuir por frestas, essa disponibilidade para certa dimensão do acidente e do azar que lhes confere um apego ao particular.

O rechaço do particular seria, nessa compreensão, central para a manutenção da biografia em sua forma tradicional: o particular do encontro entre biógrafo e biografado é sacrificado em benefício da acomodação a um modo de retratar. Nos seus bons momentos, a biografia tradicional vira obra de consulta, por fornecer acesso à informação que pode suportar ou sustentar algum discurso sobre o outro derivado da informação que ali consta: enquanto retrato, é como um desses retratos que se pode fazer com um artista de feira, ou uma foto tirada com uma câmera de alguma qualidade. Nos seus bons momentos, a biografia “ensaística” vira um retrato considerado artisticamente: uma forma eventualmente bizarra, mas portadora de uma eloquência e punção emocional que atravessa o equívoco aparente para transitar em outra economia de erros e acertos.

III

Dessas observações vem duas passagens que, com relação ao ensaio que escrevi em 2012, gostaria de destacar aqui pois me parecem indícios do que penso como deslocamentos de uma reflexão que, sendo a mesma, também se transformou ao longo desse período.

a) Uma, ligada à maneira como denomino o espaço de manobra que elegi, marcado por considerações sobre a invisibilidade do biógrafo, que por sua vez levam a uma discussão das poéticas do processo na biografia, sempre marcado por um esforço para dialogar com a dinâmica do ensaio e agora

buscando falar de, e sobre, as formas anômalas. O sintagma “formas anômalas” é, seguramente, nessa constelação de termos que esbocei, um conceito frágil, e sofreria para oferecer uma formulação que me parecesse mais justa dele. Apesar disso, me parece satisfatório enquanto uma ferramenta para formular certos problemas, para manter certos problemas como foco de atenção. Partir da noção de forma, e sua problematização entre nós, conectada às reflexões de Adorno sobre o ensaio — e desse ponto de partida abraçar a anomalia como uma noção adjunta, vaga, amorfa, mas que qualifica e sinaliza o suficiente para que se saiba o que é motivador do interesse. A estranheza com relação ao manejo ortodoxo, tradicional: a biografia que usa roupas estranhas, digamos, e que nessa fantasia, como no carnaval, se permite, avança, opera uma metamorfose — ou seja, vive outra vida. Isso me permite continuar discursando sobre a biografia, amparando meu desejo de continuar a ler biografias (um sintoma, certamente) em um propósito suposto de fazer mapa da produção em suas zonas de fronteira — e aí apareceria o encontro com o ensaio.

Invertendo o que acredito ter escutado nas manifestações dos biógrafos profissionais brasileiros às quais aludi na abertura, me sinto inclinado a recusar o benefício do ensaístico a essa miríade de biografias protocolares, quase religiosas em seu apelo ao método e seu apego a uma epistemologia, que me parecem demasiadamente marcadas por um desejo de correção e por um apelo ao bem-pensar, aos bons-modos. Não vejo nelas qualquer forma de resistência, e seus apelos à verdade ocorrem numa região que imagino banal, pois têm lugar como se a reflexão teórica sobre referência, representação e mesmo realismo tivesse ocorrido em vão (pobre Hayden White), e em nada ressoassem na prática e na poética da maioria dos biógrafos. Essas biografias escritas sem problematizar o sujeito que escreve nem sua escrita — o ensaio passou longe delas, são todas flagrantes exemplares do que poderíamos denominar, talvez com só um pouco de inescrupulosidade, de ética supersticiosa do biógrafo.

Parece importante convocar termos que salientem um componente agonístico, pois há uma provocação, um desafio, que é interessante manter. A manutenção dessa incandescência provavelmente depende de atenção prestada e da energia crítica devotada ao comentário meticuloso de biografias, atentando para suas poéticas – é isso o que retirei do trabalho de Benton, *Towards a poetics of literary biography*. As orientações desse trabalho permanecem comigo como definidoras – pelo uso de um operador acadêmico tradicional, a noção de *poética* – de uma maneira de abordar o *corpus* por uma consideração de suas “maneiras de se fazer”, pensando em cada biografia como algo que coloca diante de mim um problema de engenharia reversa. Esse mecanismo textual aqui, que foi projetado e posto em funcionamento por outrem: como ele foi montado? Tenho recorrentemente pensado, demandado de mim mesmo produzir respostas que me pareçam exames mais concentrados e menos formulaicos (tendência que reconheço em mim, talvez pelo histórico com a crítica de jornal, e seu componente simultâneo de resumo e imperativo de juízo de valoração) da experiência de ler biografias a partir dessas considerações.

Uma vez que estou cobrando biografias que se apartam tanto das escoras oferecidas pela ideia de metodologia emprestada da história quanto da convencionalidade romanesca que se tornou seu espaço de exercício por excelência, cobro igualmente uma enunciação crítica porosa para lidar com os matizes dessa zona de diferença sem, *a priori*, os denunciar como faltas. Nesse sentido, mencionei Benton como propositor dessa orientação geral em torno das poéticas por me dar uma saída para o problema da teoria da biografia, e o mesmo tempo por me conduzir a examinar mais e melhor a situação de leitura, tentando ampliar seu panorama emocional e pressionar o componente especulativo a emergir também na crítica de biografia. Tentar encaminhar a crítica da biografia a uma saída disso que Sontag já chamou de “fase hermenêutica”: em vez de agir, como faço costumeiramente, dizendo em outros termos o que o autor disse, investir em um regime um pouco mais

exploratório de crítica. Isso é algo que – para mencionar uma referência conhecida aqui, e que estava presente para mim nesse ensaio de 2012 e com relação à qual me sinto ainda em débito – creio que Laddaga faz com sucesso em seu *Estética de Laboratório*: exames meticulosos de históricos particulares de leitura e fruição, incluindo uma capacidade de acolher o eventual, o intempestivo, e até o duvidoso como parte do descritivo e do analítico. Trazendo ainda mais para perto de nós, é o que encontro também na maneira como Avaro manuseia Prieto (aí operando como biógrafa também, em sua operação de “doble artimaña, que complique ciertos antagonismos”) e Petrecca (investindo em refrações e mediações desde o título, fazendo com que o comentário emule o texto que comenta, ecoando seus pontos de fuga), Podlubne manuseia Correas (observando o “teatro de fracaso del biógrafo”, buscando “apreciar sin reducir el carácter vital que Correas le otorga a la relación entre los sujetos de la biografía”).

b) Outra, ligada a um esforço que fiz, isso mais recentemente, no sentido de tentar atravessar certa teorização da vida como um componente possível, enquanto inspiração, digamos, ou matriz de analogias, para a discussão sobre a biografia. Pensava que, considerando principalmente a proeminência da “virada animal” (e, agora, da “virada vegetal”, ou “fúngica”), algo da ordem da teorização sobre a vida e o vivente haveria de emergir e conversar com essas emergências poderia ser fértil e enriquecedor. Dizendo de outra maneira, buscava encontrar imagens da vida que me permitissem, por um lado, sair da conhecida metaforização de Woolf, do que há entre o granito e o arco-íris, e, por outro lado, me dessem recursos para construir algo que fosse como um construto paralelo ao que, imagino, Deleuze buscava em seu “A literatura e a vida”. Parecia necessário ter alguma ideia do que poderia ser um, digamos, “A biografia e a vida”. Desse empenho de leitura reiterada sempre saía com alguma perplexidade e um desconforto leve, com coisas anotadas que se prestam pouco à formulação didática e parecem ao mesmo tempo render em impulso, como se conferissem energia ao

pensamento mesmo de dentro da (aparente, e provável) incompreensão. Pois algo se dava a compreender, como se dá aqui: “Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. A literatura está antes do lado do informe, ou do inacabamento, como Gombrowicz o disse e fez” (11). E segue Deleuze: “Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido.”

Há muito o que desembrulhar, e com amplas consequências para uma reflexão mais arejada, e menos orientada à garantia epistemológica de um método, a respeito de uma escrita da vida, da proposta de se escrever uma vida. A manifestação de Deleuze — em sua forma habitual de enunciar suas coisas, uma deriva própria que parece fazer flutuar o problema e, nesse processo, esclarecer a extensão de sua obscuridade — parece ressoar com algo que era precioso manter para mim, parecia ter algo a ver com a discussão sobre o processual, o ensaístico, a vida que advém na escrita da biografia. Acredito que de fato ressoa, que há laços aí. Mas, como não conseguia sair dessa constatação, aliás bastante superficial, seguia explorando outras leituras, correndo atrás de uma definição de vida, digamos, que me parecesse propiciadora de uma entrada melhor nesse ensaio hipotético e desejado, que talvez me animasse a escrever, “A biografia e a vida”.

Nessa investida, me deparei com um ensaio feito pela biógrafa de Barthes, Tiphaine Samoyault, “El concepto de vida em la teoría literária”. Dele, destacaria agora uma dicotomia, a entre o “ser” e o “tornar-se”, que me pareceu, talvez por escutar algum eco nietzscheano, rentável. E, de fato, foi: abriu a porta para uma infinidade de biografias que vêm explorando exatamente isso, o problema do *tornar-se*. Talvez sintoma de época, a partir de 2000 se multiplicam as biografias com esse teor professado, o de “Tornando-se Fulano”: fiz um pequeno inventário, encontrei mais de dez títulos, e não fui de maneira alguma exaustivo na exploração.

A entrada desse elemento dinamizador me pareceu excitante, uma vez que compromete o biógrafo com alguma espécie de ordem de transformação, uma passagem, uma saída do fixado. Considerando, ainda, que essas biografias aparecem tanto dentro do espaço acadêmico e crítico (caso de *Becoming Faulkner*, de Philip Weinstein), até no domínio mais popular do gênero (*Becoming Leonardo*, de Mike Lankford), passando aí por um produto que parece mais alheio aos nossos campos literários sul-americanos, que é o do livro de inclinação popular produzido por acadêmicos (*Becoming Dickens*, de Robert Douglas-Fairhurst), imagino um trabalho de comparação e contraste, e mesmo de aferição do impacto dessa conexão com o “tornar-se”: é fórmula ou problema, moda ou avanço?

Embora não saiba ainda o que fazer com isso, venho arrecadando recursos para tentar interpretar melhor os casos em suas particularidades articuladas ao movimento do conjunto, sempre de olho na possibilidade de encontrar as biografias que estão, pelo menos, em busca de uma saída dos confortos do vivido, em busca de uma maneira de se aproximar da vida. Encontro algo disso em Benton, quando ele chama a atenção para as “convenções que o texto segue, ou com as quais rompe, ao dar forma a uma ‘Vida’ em particular” (5) Chamo a atenção para as aspas e maiúsculas associadas ao termo central aqui, bem como a qualificação do “particular”, pois elas me parecem aludir, discreta mas incisivamente, a uma sensibilidade para a zona problemática central, ao hiato, pouco explorado, entre o vivido, espaço de manobra da biografia tradicional, e a Vida, problema com o qual qualquer escrita da experiência tem de se haver, a passagem indicada por Deleuze. Escuto, na afirmação de Benton, a permissão para os modos tentativos de ser biógrafo, e para uma busca que, ao se realizar em formas anômalas, as compreenda como legítimas também.²

² O texto teve como base um *workshop* realizado sob os auspícios do IECH-UNR, com a presença e contribuição de colegas e estudantes investigadores do tema, principalmente da UNR, em novembro de 2022, e então intitulado “As formas anômalas da biografia”. Agradeço especialmente a Judith Podlubne, Alberto Giordano, Patrício Fontana, Nora Avaro, Julia

Bibliografia

Aguiar, Josélia. “Biografia: a arte de contar a vida dos outros”. Programa de curso. Escrevedeira. s/f. En línea: <https://escrevedeira.com.br/produto/biografia-a-arte-de-contar-a-vida-dos-outros> Fecha de acceso: 14/02/2023.

Anesko, Michael. *Monopolizing the master: Henry James and the politics of modern literary scholarship*. Stanford: Stanford University Press, 2012.

Arfuch, Leonor. *La vida narrada. Memória, subjetividad y política*. Villa Maria: EDUVIM, 2018.

Avaro, Nora, Musitano, Julia, y Podlubne, Judith (Orgs.) *Un arte vulnerable. La biografia como forma*. Rosario: Nube Negra Ediciones, 2018.

Benton, Michael. *Towards a Poetics of Literary Biography*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

Boldrini, Lucia. & Novak, Julia. (Eds.) *Experiments in Life-writing: Intersections of Auto/Biography and Fiction*. New York: Palgrave Macmillan, 2017.

Bradford, Richard. (Ed.) *A Companion to Literary Biography*. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2019.

Castro, Ruy. *A vida por escrito. Ciência e arte da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Coe, Jonathan. *Like a fiery elephant: The story of B. S. Johnson*. New York: Continuum, 2005.

---. *Diary of an obsession*. In : *9th & 13th*. London : Penguin, 2005.

Deleuze, Gilles. “A literatura e a vida”. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997. 11-16.

Douglas-Fairhurst, Robert. *Becoming Dickens: The invention of a novelist*. Boston: Harvard University Press, 2013.

Musitano y Julieta Yelin, pelos anos de interlocução estimulante e amizade, e pelas discussões ao redor da situação original de apresentação que me permitiram aprimorar e compreender melhor minhas próprias questões. Indico que cuidei para que a revisão não cancelasse completamente certa leveza característica de uma argumentação desenvolvida oralmente, contabilizando a possibilidade de extensão e refinamento dos argumentos em outros escritos.

Gumucio, Rafael. *Nicanor Parra, rey y mendigo*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2018.

Hibbard, Allen. *Paul Bowles, Magic & Morocco*. San Francisco: Cadmus Editions, 2004.

---. "Biographer and Subject: A Tale of Two Narratives". *South Central Review*, Vol. 23, No. 3 (Fall, 2006), pp. 19-36.

Laddaga, Reinaldo. *Estética de Laboratório*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2010.

Lankford, Michael. *Becoming Leonardo. An exploded view of the life of Leonardo da Vinci*. New York: Melville House, 2017

Lee, Hermione. *Biography: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Nogueira, Paulo. "A arte da biografia e a construção de míticas personagens do imaginário popular". *O Estado de S. Paulo*, 05/01/2023. En línea. Fecha de acceso: 14/02/2023.

Nosotti, Mario. *La casa de los pájaros. Notas sobre la vida y la obra de Juan L. Ortiz*. Santa Fe: Ediciones UNL, 2021.

Pauls, Alan y Helft, Nicolás. *El factor Borges*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000.

Pereira, Antonio Marcos. "Biografia Literária: Duas Tradições". *Outra Travessia*, n.14, 2012, p.37-48. <http://dx.doi.org/10.5007/2176-8552.2012n14p37>

---. "Eu queria ser um crítico rosarino". *Experimento aberto: invenções no ensaio e na crítica*. Ed. Felipe Charbel, Ieda Magri, Rafael Gutiérrez. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

Petrecca, Miguel Ángel. *Mastronardi*. Rosario: Ediciones Neutrinos, 2018.

Samoyault, Tiphaine. El concepto de vida en la teoría literaria », Cuadernos LIRICO, 20 (2019). En línea. <http://journals.openedition.org/lirico/8893> Fecha de acceso: 27/02/2023.

Podlubne, Judith y Yelin, Julieta (Orgs.). *Veinte ensayos sobre literatura y vida en el siglo XXI*. Edición de María Belén Bernardi y Natalia López Gagliardo. Rosario: CETyCLI; CELA; EMR, 2021. Libro digital, EPUB

Shapland, Jenn. *My autobiography of Carson McCullers*. Portland: Tin House Books, 2020.

Strafacce, Ricardo. *Oswaldo Lamborghini, una biografia*. Buenos Aires: Mansalva, 2008.

Weinstein, Philip. *Becoming Faulkner. The Art and Life of William Faulkner*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

Wideman, John Edgar. *Writing to save a life: The Louis Till file*. New York: Scribner, 2016.

Williamson, Edwin. *Borges: Uma vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.